**Casas, dinheiro e parentesco entre famílias de um condomínio popular da Zona Oeste do Rio de Janeiro, Brasil**

Daniela Ramos Petti[[1]](#footnote-2)

**Introdução**

Mulher, negra, mãe de quatro filhos e chefe de família, Clara tem 45 anos e mora com seus filhos e, atualmente, comigo, em uma unidade habitacional de um condomínio popular, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro[[2]](#footnote-3). Sua casa, assim como as outras 959 unidades habitacionais existentes no condomínio, resultou de políticas urbanas de reassentamento de famílias removidas de favelas[[3]](#footnote-4). Do quintal na favela partilhado com seu ex-sogro, ex-cunhados e suas respectivas famílias, Clara passou a morar em uma casa geograficamente independente de seus familiares, enquanto alguns desses se mudaram para outros bairros da cidade. Já foi demonstrado em outras pesquisas como o acesso à chamada “habitação moderna” afeta a domesticidade (Bourdieu, 2006; Lomnitz, 1993). No caso do conjunto habitacional em questão, o aumento dos custos de vida, decorrente da formalização da moradia e da presença de grupos armados, constitui uma grande preocupação cotidiana, tanto de Clara, como de muitas outras famílias que moram no local. A necessidade de pagar taxas condominiais e contas de serviços básicos afetou a relação de dependência entre a manutenção das casas e a entrada contínua de fluxos monetários.

Em face da incerteza que marca os processos de transformação social (aqueles como os reassentamentos, as migrações do campo para a cidade e os processos coloniais), se constroem extensas e densas redes de cooperação econômica que fazem circular objetos, serviços e dinheiro entre as casas. No caso de Clara, além dos vizinhos, seus familiares também participam da rede de intercâmbios e da configuração que se forma entre as casas que se relacionam no curso da vida cotidiana. Tais redes e configurações são marcadas, não apenas pela ajuda mútua, como também por tensões, suspeições, assimetrias, cobranças e conflitos. No quadro das relações vicinais e familiares, o dinheiro é um elemento central das dinâmicas que entrelaçam as casas.

Em periferias urbanas, marcadas por altos custos de vida, pela ausência de salário e por baixos ingressos, o dinheiro se torna um elemento central que estrutura as relações, tanto na família, como na vizinhança. Assim como em outros contextos e territórios, quanto mais a falta de dinheiro se apresenta como um problema social, maior relevância ele ganha nas narrativas, práticas e modos de circulação locais (Neiburg, 2019). O dinheiro, enquanto elemento central da vida social no capitalismo, é constitutivo de diferentes tipos de relações de proximidade em comunidades de periferias urbanas. É protagonista nas dinâmicas de parentesco, ao estar no cerne dos conflitos familiares, por um lado, e das ajudas entre parentes que coabitam ou habitam casas distintas.. As relações de vicinalidade (Godói e Pina-Cabral, 2014; Pina-Cabral, 2014) fazem circular não apenas serviços e objetos, como também quantias em dinheiro. Os circuitos de cuidado que configuram mercados, oportunidades de trabalho e formas de ajuda mútua (Zelizer, 2011), em um contexto de alto desemprego, engajam muitas mulheres em comunidades das periferias urbanas. O acesso ao dinheiro varia de acordo com as construções culturais de gênero e conforme as hierarquias sociais que se estabelecem entre homens e mulheres (Zelizer, 1994). As obrigações derivadas das relações de proximidade, sejam essas as de parentesco ou as vicinais, se traduzem em obrigações financeiras. À medida em que o dinheiro circula, tais relações são atualizadas e as subjetividades são produzidas. O dinheiro é constitutivo do cotidiano, podendo produzir relações de distintas ordens, como a ajuda mútua, a solidariedade vicinal, os conflitos, as formas de dominação pelo crime organizado etc.

As conexões entre casas, dinheiro e relações de proximidade têm aparecido como principal tema de minha pesquisa de campo em curso no condomínio popular mencionado. A casa de Clara foi escolhida no curso das negociações para interlocução de pesquisa como porta de entrada para a investigação da vida social. Há 9 meses tenho residido nessa unidade habitacional, por meio da locação de um dos 3 quartos existentes na casa. Nesse tempo, tenho participado das atividades cotidianas de Clara que, em sua maioria, envolvem as relações vicinais e familiares. A título da escrita do presente artigo, decidi enfocar a coprodução da casa e do parentesco (Carsten, 2018) a partir da análise das relações entre as obrigações sociais e financeiras (James, 2014). O tema escolhido será abordado a partir do ponto de vista de Clara, minha principal interlocutora de pesquisa, com quem tenho praticado um cuidadoso exercício de escuta a respeito de suas histórias, memórias e problemas, relatos que têm sido detalhadamente registrados em diário de campo. Nesse texto, realizo um primeiro esforço de análise de uma pequena parte de minhas notas, a fim de investigar as formas de solidariedade que constituem as casas (Douglas, 1991), bem como as tensões e preocupações que atravessam a vivência do parentesco. Esses processos de produção de relacionalidades são, fortemente, marcados por fluxos monetários que revestem as casas e as pessoas de moralidades e significados sociais simbolicamente densos.

Como as obrigações relativas ao parentesco se traduzem em obrigações financeiras? Como o dinheiro participa dos processos de produção das relacionalidades? Como o parentesco é vivido nas dinâmicas de configuração de casas5 (Marcelin, 1999; Motta, 2014)? Como se entrelaçam os esforços para se gerir a proximidade (Cortado, 2020) e para se manter a casa? O objetivo do texto é refletir sobre as relações entre casas, dinheiro e parentesco a partir do ponto de vista de minha principal interlocutora, entendendo que os processos de individuação estão diretamente conectados à produção das casas e das relacionalidades (MacCallum e Bustamante, 2012). As relações de gênero, como será visto, enquadram a coprodução da casa e do parentesco, fato que pode ser observado a partir da análise das relações simbólicas que se estabelecem entre homens e mulheres, de um lado, e casas e dinheiro, do outro. A configuração econômica das casas que compõem esse texto é marcada pelo não assalariamento, condição que constitui circunstâncias de incerteza, afetando as experiências temporais relativas aos fluxos monetários, bem como as qualidades e a atribuição de responsabilidades atreladas ao dinheiro. O que ocorre quando se sobrepõem a ausência de salário e a ausência da figura paterna na casa? Como essa configuração socioeconômica/familiar (não assalariamento/família monoparental) condiciona o trabalho feminino e a gestão da casa? A ausência da figura paterna, sendo essa múltipla (filhos de pais distintos) ou não, institui a entrada de um tipo de dinheiro, “o dinheiro da pensão”, cujos fluxos e qualidades sociais pretendo analisar nesse texto. O “dinheiro da pensão” é apenas mais um elemento do quebra-cabeça (Wilkis, 2018) [[4]](#footnote-5) formado pelas diferentes peças que compõem os fluxos de distintos tipos de dinheiro (o “dinheiro do aluguel”, o “do auxílio”, o “de levar criança” etc).

Além da introdução e da conclusão, esse texto é composto por[[5]](#footnote-6) seções. Antes de mergulhar na vida cotidiana de Clara, discorro na primeira seção do texto sobre as percepções a respeito do dinheiro e seus papéis na constituição das relações sociais, com foco nos arranjos familiares. Para isso, narro distintas cenas etnográficas das quais participam muitas interlocutoras que moram no bairro estudado. Na segunda seção, discorro sobre como os problemas financeiros do irmão de Clara mobilizam esforços na família e atualizam relações de parentesco, à medida em que inúmeros sentidos sociais e moralidades são atribuídos ao dinheiro que circula entre as casas. O dinheiro é peça chave da coprodução da casa e do parentesco. Em seguida, introduzo o debate sobre as relações entre gênero, dinheiro e moralidades, a fim de refletir acerca das hierarquias sociais que se estabelecem no âmbito das famílias brasileiras. O papel do casamento e das relações de poder derivadas desse contrato constitui o ponto de partida para se pensar as tensões entre amor e dinheiro. Na quarta seção, historicizo as relações familiares vividas por Clara, com foco na figura de seu ex-marido, a fim de debater as tensões que tecem a trama do parentesco e que envolvem fluxos monetários, dos quais se destaca o “dinheiro da pensão” das crianças. Parto da análise das minúcias de um ritual típico que ocorre nas casas brasileiras, o “bolinho de aniversário”, para problematizar o dinheiro como parte da produção das tensões, suspeições e desconfianças que se incorporam à experiência cotidiana do parentesco. Por fim, na última seção desdobro da análise das tensões ocorridas nos antecedentes de mais um ritual que ocorre nas casas, o Natal, as estratégias, técnicas e decisões referentes às temporalidades e formas de gestão do dinheiro da casa.

**A vida social do dinheiro**

A partir da etnografia, notei que o dinheiro cumpre importantes papéis em distintas relações sociais. Na família, na vizinhança, na conjugalidade e mesmo nas relações com agentes estatais e paraestatais, o dinheiro cumpre um papel chave, não enquanto meio homogêneo e universal de troca, mas sempre embebido nas relações interpessoais (Zelizer, 1994). Em um tempo de dificuldades e incertezas, tal como delineado na introdução do texto, “o dinheiro avoa rápido”, nas palavras de Clara. Independente da origem do dinheiro, a sensação de que ele acaba rapidamente é compartilhada pela maioria de minhas interlocutoras. A sensação de “avoar logo” foi atribuída ao dinheiro recebido como indenização, quando da remoção da favela e reassentamento no conjunto habitacional, como também ao dinheiro do auxílio emergencial oferecido pelo governo federal durante a pandemia de Covid-19. Quando perguntei o que Clara havia feito com o dinheiro no período em que recebeu R$1200,00 mensais[[6]](#footnote-7) - uma quantia com a qual nunca pudera contar em toda sua trajetória laboral -, ela me respondeu o seguinte: “por incrível que pareça eu só fiquei comprando coisa pra casa mesmo. Obra, investimento, essas coisas assim, não deu pra fazer nada não. O dinheiro avoa muito rápido”. Outra interlocutora, Milu, mãe chefe de família assim como Clara, me contou que seu namorado estava chateado, porque ela havia gastado muito rápido o dinheiro que ele lhe dera em determinado mês. Indignada, ela me disse: “mas o que eu posso fazer? O dinheiro vai todo embora no mercado. Dinheiro não tá valendo nada hoje não”. A percepção de que o mercado absorve a maior parte do dinheiro da casa expressa os impactos da alta de preços sobre as famílias brasileiras. A transformação na experiência temporal das pessoas, expressa na ideia de que o dinheiro acaba rápido, se articula aos processos de (des)valoração do dinheiro, relacionado à redução da capacidade de consumo das famílias. O dinheiro, não apenas se esvai depressa, como o valor atribuído a ele passa a ser menor.

Múltiplos são os fatores que fazem com que o dinheiro “avoe” rapidamente. A inflação e a redução da capacidade de consumo das famílias brasileiras podem ser compreendidas a partir das particularidades dos territórios e dos arranjos sociais, quando tomadas de um ponto de vista etnográfico. Um dia, conversava com uma interlocutora e sua amiga na casa de uma delas. A amiga de Arlinda, que também é mãe chefe de família assim como as mulheres cujas histórias narro nesse texto, lamentava o fato de ter de pagar taxas altíssimas aos milicianos que dominam o bairro. Dona de uma confecção, seus planos eram transferir seu maquinário para outro lugar, pois não aguentava mais “batalhar a semana inteira e no final ter que dar dinheiro pra eles [milicianos]”. Arlinda, que atualmente vende quentinhas, se solidarizou com a insatisfação da amiga, relembrando o fato de que dos grandes estabelecimentos, como sua confecção, os milicianos cobram quantias muito altas, devido ao maior volume de rendimento desse tipo de negócio, a exemplo dos mercadinhos. “Aí quem paga o pato somos nós, os consumidores, porque aí os donos das lojas são obrigados a cobrar mais caro da gente”, disse Arlinda. As cobranças derivadas do domínio do território pelo crime organizado são entendidas como mais um fator do aumento dos preços na localidade. Já presenciei a velocidade com que o dinheiro acaba ser atribuída pelas mulheres do condomínio aos “demônios e espíritos malignos que sugam os moradores” do local. A ideia de que existe uma maldição instalada no condomínio que impede as pessoas de “andarem pra frente” é bastante comentada em cultos pentecostais caseiros. Na maior parte das vezes, ter dinheiro é considerado como uma condição necessária ao “andar pra frente”, enquanto os baixos ingressos e a redução da capacidade de consumo significam estagnação ou retrocesso. As percepções a respeito do dinheiro se multiplicam à medida em que esse constitui as relações sociais.

A participação do dinheiro na vida social é delineada através da produção de distintas relações sociais. Ponte entre a casa e o trabalho, o dinheiro circula entre as unidades habitacionais existentes no bairro. Constitui as ajudas mútuas entre vizinhos, os conflitos entre familiares, os jogos e apostas, assim como é elemento de algumas formas narrativas, como os rumores e as fofocas. Os conflitos sociais são arranjos de relação que evidenciam os papéis do dinheiro no cotidiano, justamente por escancararem as relações de poder e as disputas por capital moral em jogo. Com isso, não quero afirmar que onde há dinheiro, há conflito, até porque o dinheiro é protagonista das formas de cooperação que se estabelecem entre as pessoas. Os conflitos sociais são apenas mais um arranjo relacional produzido e constituído pelo dinheiro, dentre muitos outros. O fato do dinheiro se entramar aos conflitos familiares não implica que esse cumpra o papel de “intoxicar” as relações. O dinheiro não se opõe à família, ao contrário é parte do cotidiano do parentesco. O dinheiro não dissolve as relações, como se desdobra do raciocínio dos “mundos hostis” contestado por Zelizer [[7]](#footnote-8), assim como os conflitos não representam a deterioração das relações, mas apenas arenas de sua atualização. Analisar os conflitos familiares que envolvem dinheiro me auxiiiou na compreensão do entrelaçamento entre as obrigações sociais e as obrigações financeiras. Com isso em mente, passo à descrição de uma cena etnográfica conflituosa.

Cheguei à casa de Milu, sentei no sofá para conversarmos como de costume, e ela começou a reclamar de sua filha Elza, que está morando temporariamente em sua casa, devido à proximidade de seu novo trabalho de venda de salgadinhos. Elza sempre morou em Madureira, na casa de uma família que a adotou na adolescência, quando Milu perdera a guarda de seus filhos, após denúncias de negligência ao Conselho Tutelar. Nesse dia, Milu estava muito chateada. “Elza não me ajuda em nada nessa casa, não lava uma louça, só fica dormindo, depois eu que tenho que cuidar da filha dela” - se referindo à sua neta recém-nascida. Assim como Milu, Elza é mãe solo. Depois de escutar as primeiras reclamações, perguntei por Elza, já que naquele horário ela costumava estar em casa. “Foi pra Madureira ficar com aquelas tias dela lá, disse que vai colocar currículo lá. Quero ver como vai fazer com a Sula [filha de Elza]”, me respondeu. Seu tom de voz, apesat de estar chateada, parecia ameno até o momento em que fiz uma fofoca que lhe tirou do sério. “Mas ela me disse que as tias dela lá cuidam mais do que você, não se importam de ficar com a Sula e que você tá furando com ela. Ela falou que você disse que ia cuidar da neném e não tá cuidando, tá indo encontrar o namorado, indo pra festa e não fica com ela pra ela poder trabalhar”. Seu tom de voz aumentou. Reclamou por ter custeado o leite da menina nas últimas duas semanas com dinheiro que seu namorado lhe dera. “E ela ainda tem coragem de me dizer que eu fico extorquindo o Ângelo [namorado de Milu], usando o nome da Sula pra pegar o dinheiro e depois usar em outras coisas. Ela não compra uma manteiga pra dentro de casa! Eu tenho que comprar as coisas também”, esbravejou. Senti muita raiva em sua voz. Duvidou, em seguida, de que as tias adotivas de Elza cuidariam de Sula de forma gratuita, como ela o fazia. “E eu que fico aqui de babá e empregada da filha dela sem cobrar nada!”, gritou. Posteriormente, acusou Elza de abandonar a casa e voltar temporariamente para Madureira sempre que entra o dinheiro do Bolsa Família (programa de transferência de renda do governo federal agora chamado de Auxílio Brasil). “Na dificuldade ela tá aqui, com a otaria aqui cuidando da Sula, na bonança ela pega o dinheiro e vai pra Madureira”, me disse.

Os conflitos familiares que envolvem o dinheiro, a falta dele, seus usos e formas de alocação também se estendem a outros filhos de Milu. Tenho em mente Fabiano, um jovem de 18 anos conhecido no bairro por ser ladrão e usuário de crack. O uso abusivo de drogas afeta as dinâmicas familiares. Milu sofre com roubos que o filho faz dentro de casa. É comum presenciar Milu chorar pelo desaparecimento de quantias em dinheiro que guardava em gavetas, caixas e até mesmo debaixo do sofá e do colchão, lugares escolhidos para dificultar os roubos. Certa vez, quando Fabiano não estava em casa, me contou que Ângelo havia lhe dado R$100,00. R$ 70,00 destinados à compra de comida para casa e R$30,00 destinados a Fabiano. “E você deu?”, perguntei surpresa, ao que ela respondeu positivamente. “Mas você deu pra ele usar crack?”, perguntei em um tom de julgamento, autorizado por nossa relação de amizade. Diante de minha condenação moral a respeito do uso do dinheiro, ela respondeu: “deixa pra lá, Daniela, eu só quero que ele me deixe em paz, eu dei pra ter sossego”.

O dinheiro está no centro das arenas de conflito em muitas famílias do bairro. Ele participa das relações entre mães e filhos, mas também das que se estabelecem entre cônjuges, como será visto em seção posterior. O dinheiro pode pagar pelas formas de cuidado, seus usos podem sustentar acusações e colocar pessoas em suspeita, assim como determinada quantia pode comprar o sossego de uma mãe em uma relação difícil com seu filho. Somadas ao contexto de falta de dinheiro, que perpassa a maioria das famílias do bairro, expresso nas percepções inicialmente analisadas nessa seção, as formas de participação do dinheiro nos arranjos familiares, além de provocarem conflitos, também podem colocar em maior evidência as relações entre as obrigações familiares e financeiras.

**Obrigações familiares e financeiras**

Antes de morar na cidade do Rio de Janeiro, quando pequena Clara morou com seus pais, irmãos, tios e primos em uma favela em Caxias, na Baixada Fluminense. Muitos de seus familiares da parte paterna ainda habitam o local. Apesar da distância geográfica entre a Baixada e a Zona Oeste, tanto suas primas, como seu irmão Leandro, que moram em Caxias, mantêm contato com a família de Clara por telefone e redes sociais, além de serem regulares as trocas entre as casas. Logo que cheguei na casa de Clara para iniciar minha pesquisa, havia uma grande preocupação que lhe tirava o sono. Naqueles dias, Sueli, sua prima de Caxias, a pressionava para que ela recebesse novamente Leandro em sua casa no condomínio. Há alguns anos, Leandro chegou a morar na casa de Clara, período em que causou muitos problemas para a família, devido ao uso abusivo de álcool e drogas. Após engravidar sua atual esposa, voltou a morar em Caxias, próximo a Sueli e demais primas, por intermédio de locação de uma quitinete. O motivo de Sueli pressionar Clara para aceitar Leandro novamente como membro de sua casa diz respeito ao fato da prima estar sobrecarregada com as dívidas e contas que ele não tem conseguido pagar.

Em um áudio por WhatsApp, Sueli disse que Clara precisava agir depressa para tirar seu irmão de Caxias, pois “ele tá só acumulando dívidas, não tá conseguindo pagar o aluguel e eu não tenho como arcar com isso tudo”. Escutei algumas vezes Clara explicando a Sueli por telefone que não teria condições de recebê-lo, já que além da casa estar cheia, fazendo menção à minha presença, as contas são muitas. O medo de Leandro se envolver em confusões no conjunto habitacional, devido a seus vícios, também é grande. Ao desabafar com Lúcia, sua irmã que mora na Bahia com sua mãe, escutei Clara dizer que suas primas “tão tentando empurrar o Leandro pra gente”, ao que sua irmã reagiu lhe orientando a dizer que ela estava desempregada na Bahia, apesar de não ser verdade, caso Sueli mencionasse a possibilidade de enviar Leandro para lá. Lucia teve, então, a ideia de fazer uma vaquinha entre os parentes para ajudá-lo a pagar pelo menos 1 mês de aluguel. Segundo Clara, são mais de dez primos, se cada um der R$10,00 já dá uma boa quantia. Ao se compadecer pelo filho, a mãe de Clara decidiu enviar por meio de transferência bancária R$50,00 para que ela entregasse a Leandro. Clara aproveitou o pedido de Sueli para que fosse à Caxias “colocar juízo na cabeça de Leandro ” e decidiu ir até lá em um domingo levando a ajuda financeira dada por sua mãe.

Nesse dia, saiu de casa nervosa, sem saber o que esperar do estado de saúde do irmão, já que suas primas insistiam que ele estaria com algum problema mental, relacionando uma possível “loucura” com a incapacidade de manter sua casa. Perguntei se poderia ir até lá com ela para conhecer seu irmão e participar da conversa. Tive meu pedido negado, já que se tratava de um “assunto muito delicado da família” e minha presença poderia constranger seu irmão. De todo modo, Clara me contou em seu retorno como tinha sido a visita. Relatou que suas primas estavam exagerando, que ele não parecia louco. Estava animado, sorridente e fazendo piadas . “O problema dele é financeiro mesmo, porque ele gasta muito com bebida e cigarro”, me disse. O estado de espírito de Leandro contrastou com as preocupações “exageradas” de suas primas, as quais decepcionaram Clara que comentou ao chegar em casa: “ eu achei que meus parentes de Caxias consideravam ele como filho, porque ele foi criado lá, mas na prática eu vi que não consideram não, porque agora que a situação apertou tão querendo empurrar ele pra gente”. “Considerar como filho” está diretamente relacionado à disposição em ajudar com os problemas financeiros.

No dia seguinte, Clara recebeu uma ligação logo cedo de Sueli. Queria saber como tinha sido a conversa com Leandro. Contou que mais uma vez ele não fora trabalhar na obra de sua cunhada (de Sueli), que havia prometido ajudá-lo caso ele participasse da construção que estava sendo feita em seu terreno. O acordo era juntar parte de seu auxílio emergencial com parte do auxílio de seu marido (irmão de Sueli) para pagar o aluguel de Leandro. Segundo Sueli, o motivo da ausência no trabalho era mais uma vez a bebida alcoólica. Clara ficou surpresa, pois na conversa que tiveram ele havia prometido a ela que não voltaria a beber. Logo depois, sua ficha caiu. Notou que ele poderia ter usado os R$50,00 que ela dera a ele no dia anterior para beber. “Eu dei, porque minha mãe pediu, proque mesmo à distancia minha mãe denga ele, mas me arrependi, foi um dinheiro inútil, gasto com bebida”, me disse Clara.

Apesar da distância geográfica, as casas de Leandro, Clara e Sueli estabelecem fortes relações, especialmente no que diz respeito aos fluxos monetários. À medida em que as obrigações familiares se traduzem em obrigações financeiras, tanto o parentesco como as casas são produzidos. Segundo Carsten (2018), o parentesco é feito nas e por meio das casas e as casas conformam as relações sociais travadas pelos que nelas habitam. As casas enredam processos materiais e simbólicos, colocando em relação aspectos domésticos e subjetivos (Carsten e Hugh-Jones, 1995). Isso se torna evidente no caso de Leandro. Louco é quem não consegue manter uma casa. Os processos materiais e simbólicos que envolvem as casas forjam os significados do parentesco para determinado grupo.

Ao mesmo tempo, o dinheiro se apresenta como mediador da coprodução das casas e do parentesco, na medida em que pode, por exemplo, ser um indicador de “consideração”, como visto no caso narrado acima. Não ter pessoas que se disponham a lidar com seus problemas financeiros pode significar não ser considerado da família (“como um filho’). No capitalismo o dinheiro torna-se central para a manutenção da vida doméstica, o que faz das configurações de casas verdadeiras economias monetárias, que misturam diferentes tipos de dinheiro, os quais passam por variadas conversões nas redes de ajuda mútua entre parentes (o dinheiro do auxiiio que se torna dinheiro do aluguel através do trabalho). Diferente de Mary Douglas, que afirma ser a casa o lugar da economia do dom em oposição à economia monetária (1991,p. 302), entendo que um dos aspectos centrais das configurações de casas consiste, justamente, nos fluxos monetários, que envolvem diferentes tipos de dinheiro resultantes de distintas relações sociais (com o Estado, com a família), e são produzidos por moralidades (dinheiro gasto com bebida como dinheiro inútil), afetos (dinheiro dado pela mãe como forma de “dengo”) e significados sociais (dar dinheiro como forma de consideração). As casas são espaços onde se partilha intimidade e recursos. É da sobreposição entre as relações de proximidade e a gestão da vida material que emergem as inúmeras tensões que perpassam a vida familiar. Antes de me deter na descrição das tensões constitutivas da família de Clara, gostaria de trabalhar as relações entre os papéis de gênero e os fluxos monetários nas casas.

**Gênero, dinheiro e moralidades**

Os processos de tradução de obrigações familiares em obrigações financeiras revelam o lugar que a análise dos fluxos monetários ocupa nos estudos sobre família e parentesco. De acordo com Wilkis (2015), o dinheiro cria determinadas hierarquias sociais internamente às famílias. Para Hornes (2020), ao adentrar as casas, as quantias em dinheiro provocam avaliações, disputas, conflitos e formas de cooperação. Nessa seção, gostaria de adicionar a questão de gênero à investigação sobre as relações entre arranjos familiares e a vida social do dinheiro. Os papéis de gênero, especialmente no que diz respeito às relações simbólicas entre homens e mulheres, de um lado, e as casas e o dinheiro, de outro, produzem moralidades que mesclam aspectos econômicos e culturais.

Se no condomínio popular, uma “boa mãe”, tal como considerada pela vizinhança, coordena bem sua casa, ou nos termos pentecostais, é “a principal coluna da casa”, os homens são considerados “bons pais” quando pagam corretamente as pensões devidas a seus filhos. É de obrigação da mulher mãe sempre manter a casa abastecida, alimentar seus filhos, determinar horários para as atividades cotidianas das crianças, dentre outras responsabilidades que denotam as relações simbólicas estabelecidas entre as mulheres e as casas. Por outro lado, a (i)responsabilidade masculina em relação ao dinheiro destinado à família, como o da pensão no caso das famílias monoparentais, costuma ser bastante comentada no bairro. Certa vez, Clara me contava sobre a prisão de seu namorado, devido à acusação de assédio feita contra ele por sua ex-esposa, quando me disse indignada: “eu não sei porque ele foi preso, acho que é vingança da ex dele, porque ele é um bom pai, paga a pensão direitinho”. O “dinheiro da pensão” constitui um grande campo de disputas entre homens e mulheres. Trata-se de um dinheiro que mantém a relevância do papel paterno na gestão da casa, mesmo após o divórcio. O que faz o “dinheiro da pensão” em uma configuração de casas? Como pensar as relações entre conjugalidsde, parentalidade e corresidência a partir do campo de batalhas forjado pelo “dinheiro da pensão”? Essas são perguntas às quais pretendo responder, por meio da descrição das tramas do parentesco e das disputas por dinheiro na casa de Clara, nas próximas seções.

Na casa de Clara, a dedicação exclusiva ao trabalho de cuidado, seja esse não remunerado ou (muito pouco) remunerado, demanda a complementação tanto das políticas de transferência de renda, quanto do “dinheiro da pensão”. Os arranjos socioeconômicos das famílias estão, por sua vez, relacionados a moralidades que circulam a respeito dos papéis de homens e mulheres na manutenção da casa e na reprodução dos filhos. “A sábia mulher edifica sua casa”, como diz a bíblia, enquanto um bom pai paga a pensão corretamente. As moralidades que compõem os papéis de gênero revelam muito sobre a economia das casas.

Entretanto, a ajuda financeira constitui, não apenas atribuição da paternidade, como também de qualquer cônjuge, seja ele reconhecido ou não por lei. Penso nos namoradosde marinhas interlocutoras, tanto as mães chefes de família , como as mais jovens. Certa vez, quando comia um lanche na rua com Milu, minha vizinha, ela me falou sobre sua filha de 22 anos: “eu falei pra ela que eu queria que ela arrumasse um cara  pra ajudar ela, por isso eu falava pra ela casar com seu Armando [velho morador do bairro], aí ela fala que eu quero que ela se prostitua, mas não é isso cara; é que hoje em dia tá muito difícil . Eu quero dizer difícil de viver”. É comum e considerado correto que uma mulher busque se casar com um homem que a ‘ajude”. Porém, a transferência da responsabilidade pela ajuda financeira às mulheres logo provoca reações de condenação moral. Muitas foram as vezes que escutei mulheres criticarem homens que “querem uma coroa[[8]](#footnote-9) pra bancar[[9]](#footnote-10)”. Uma de minhas interlocutoras, considerada como “coroa”, chegou a bancar um “novinho”[[10]](#footnote-11) durante alguns meses de namoro. Tinha consciência de que pagava por sexo e postergou ao máximo uma atitude considerada errada para não ficar sozinha. Após seis meses, decidiu interromper a relação “porque onde já se viu mulher bancar homem?”. Como pensar o jogo de tensões entre amor e dinheiro? Certa vez, Clara me contou sobre um vídeo de uma psicóloga que assistiu na rede social Kaway, dedicado ao tema da vida familiar. Me disse que concordou com a psicóloga quando ela afirmou que as principais tensões da vida familiar são as financeiras e as amorosas. As tensões entre dinheiro e amor são extremamente relevantes para a compreensão das dinâmicas de parentesco.

O casamento, atrelado à ideia de amor na modernidade, consiste num arranjo conjugal, dentro do qual as mulheres sofrem inúmeras violências e experiências de humilhação, muitas delas relacionadas a questões financeiras, especialmente, à condição de dependência na qual muitas se encontram. Em *O patriarcado do salário*, Silvia Federicci afirma que por meio do salário, do matrimônio e da ideologia do amor, o capitalismo dá aos homens o poder de controlar o trabalho e o tempo das mulheres (Federicci, 2018, p.61). A dependência financeira das mulheres têm profundas raízes históricas relativas a processos sociais, como a domesticação e a naturalização do trabalho feminino (Mies, 2019) e a dissociação entre o público e o privado (Federicci, 2010). Os dispositivos e relações de poder forjados no curso da acumulação primitiva de capital se mantêm presentes nas famílias brasileiras, apesar das transformações ocorridas em seus arranjos, expressas por exemplo na aceitação social do divórcio e na entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho. Em que pese o enfraquecimento empírico da figura do homem provedor nas famílias, sua força ideológica produz dinâmicas de poder que denotam papéis de gênero. As tensões em torno do dinheiro constituem uma porta de entrada para se pensar as relações entre homens e mulheres nas famílias brasileiras.

É notável que existe um medo dos homens que permeia as narrativas femininas no bairro. Esse medo remete a traumas passados, a agressões físicas, mas também ao conhecido ato de “jogar na cara a ajuda financeira”[[11]](#footnote-12). Minhas vizinhas me contaram que era recorrente escutar seus ex-maridos “jogarem na cara” que todo dinheiro que elas tinham era deles, ou que elas não tinham nada sem eles. Muitas dessas mulheres se incomodam bastante ao lembrar dessas experiências e pedem a Deus para nunca mais vivê-las. A memória dessas humilhações fez com que Clara decidisse que só se casaria com alguém novamente quando estivesse “assalariada”, uma forma de romper com a dependência financeira. Me contou a respeito dessa decisão ao comentar sobre as pressões que sofria do atual namorado para que eles fossem morar juntos. Apesar de sua condição de não assalariada justificar que Clara considere bem-vindo qualquer tipo de ajuda financeira, o mesmo não ocorre quando seu namorado lhe oferece dinheiro, ou se coloca à disposição para comprar algo para casa. “Eu não gosto, porque senão ele vai querer mandar aqui em casa”, me disse ela. Fica evidente as relações entre dinheiro e poder. As relações entre o poder exercido sobre as casas e a participação monetária em sua gestão me remete ao conceito de capital moral, formulado por Wilkis (2017). Segundo o autor, “à medida em que o dinheiro circula, o capital moral das pessoas é colocado à prova. O dinheiro permite às pessoas julgarem as virtudes e os defeitos de outros, assim como estabelecerem *rankings* de ordenação entre os indivíduos com quem convivem, criando hierarquias morais através do dinheiro” - tradução minha - (Ibid, p.13).

As dinâmicas de poder e de moralidades tornam-se mais evidentes quando se observa as tensões entre amor e dinheiro, as quais são intensificadas pelo casamento. O partilhado medo dos homens têm relação direta com as experiências de humilhação que envolvem o ato de “jogar na cara” as ajudas financeiras. O término do casamento e a transição para uma família monoparental significam sossego e libertação, mas não necessariamente a independência completa de qualquer “ajuda” masculina/paterna. De todo modo, se o amor se esvai com o término do casamento, as obrigações financeiras em relação à família podem seguir se atualizando e gerando tensões cotidianas. O gênero marca, profundamente, os usos, significados e as formas de alocação do dinheiro doméstico (ZELIZER, 1994,p.42). Nas próximas seções, me dedicarei a pensar sobre as relações entre casa, família, gênero e dinheiro.

**A proximidade da casa e as tensões em torno do dinheiro**

Nessa seção, o leitor terá contato com um personagem de extrema importância para o processo de construção subjetiva de Clara. Mário, seu ex-marido, um homem negro de 44 anos, entrou em sua vida quando ambos tinham 19 anos. Clara chegava ao Rio de Janeiro fugida do pai de seu primeiro filho , com quem morou por alguns anos no Espírito Santo, após sofrer inúmeras agressões. Chegara à cidade com seu filho recém-nascido nos braços e conheceu Mário que estava aguardando junto a uma amiga na rodoviária seu marido chegar de viagem. Sem muita perspectiva de como seria o reencontro com seus parentes de Caxias, Clara aceitou a proposta de Mário que, assim que a avistou, lhe apresentou a demanda de seu pai por uma mulher que cuidasse de sua casa. Nesse mesmo dia, se instalou na casa do pai de Mario em uma comunidade na Zona Oeste do Rio e passou a dividir sua rotina diária entre os cuidados com a casa e com seu filho. Três meses depois, se envolveu afetivamente com Mário. Casaram e tiveram três filhos ao longo dos anos seguintes. Mario até hoje considera o primeiro filho de Clara como seu.

Na comunidade, Clara viveu novamente a experiência de partilhar o quintal, dessa vez com seus novos familiares, os parentes de Mário. Os momentos de maior perplexidade que vivi em campo têm relação com as memórias dela a respeito do quintal. Lá as mulheres eram bastante oprimidas. Não tinham permissão de seus maridos para estudar e podiam trabalhar apenas em casa. As brigas eram inúmeras, assim como as agressões. Clara, suas então cunhadas e sogra viviam aflitas com as ausências dos respectivos maridos em casa. A elas restava cuidar da casa e das crianças. Segundo Mário e seu pai, “a sábia mulher tem a missão de edificar a sua casa”, como consta nos escritos da bíblia. Clara foi se constituindo como mulher, à medida em que vivia a experiência do casamento e zelava por sua casa. Clara me contou que foi nesse período que ela se tornou “uma mulher menos nervosa para poder ser uma boa mãe”. No quintal, morou por mais de 15 anos. A experiência de constituir sua própria família no quintal a transformou em uma mãe de família e esposa responsável e dedicada aos seus, enquanto a dor do amor, das traições e da posterior separação de Mário a tornaram uma mulher forte e decidida a não mais sofrer. “Os traumas do quintal” impuseram-lhe o desejo de passar a viver só, sem a companhia de maridos. Passou a ser muito mais cautelosa na escolha de seus namorados. Já morando no condomínio, foi aprendendo a cuidar da casa e de seus filhos enquanto mãe chefe de família, sem a interferência de Mário ou de qualquer outro homem.

Apesar da distância geográfica entre as casas atuais de Clara e de Mário - que se mudou para outro bairro da Zona Oeste após a remoção da favela, a existência das crianças fez com que as trocas entre as duas residências permanecessem regulares até hoje. Um dos elementos centrais das dinâmicas que relacionam as casas é o “dinheiro da pensão”. O juíz decretou que Mário pagasse R$500,00 para os dois filhos menores de idade. Ocorre que nem todo mês esse valor chega às mãos de Clara. “Tem vezes que ele não dá, tem vezes que ele dá só R$50,00, ou ele dá R$200,00 e depois paga o resto”, me contou Clara. Além disso, Mário costuma alterar com frequência a data do pagamento da pensão, conforme os acordos a respeito das datas de pagamento do aluguel que faz com os locatários de suas quitinetes alugadas. Ao escutar essas histórias, a primeira coisa que fiz foi perguntar a Clara se ela já o havia colocado na justiça para obrigá-lo a pagar corretamente a pensão. Sua resposta foi negativa. Clara costuma “fugir dos barracos”, porque esses a fazem lembrar do quintal. “Eu tenho medo de comprar briga com ele, e ele chegar aqui gritando como ele costuma fazer, aí todos os vizinhos vão ver e saber da minha vida, Deus me livre não quero isso não”, me disse. Durante os anos que Lúcia, sua irmã, morou na casa de Clara, o “dinheiro da pensão” tornou-se ainda mais incerto. Lúcia sempre trabalhou de babá para uma família rica e recebia um bom salário. Mário estava ciente disso e sempre que Clara lhe cobrava o dinheiro da pensão, ele dizia: “pede emprestado pra Lúcia, ela tem mais do que eu”. Clara, em vão, tentava lhe explicar que essa era uma responsabilidade do pai.

Certa vez, uma prima de Mário, que mora e trabalha perto da casa de Clara e todo mês lhe vende cestas básicas no fiado, pressionou os dois primeiros filhos dela a trabalharem na loja de material de construção do pai. “Não é possível, Clara, ele tem loja, tem quitinete alugada, tem caminhão, como ele não paga a pensão direito?”, questionou a prima de Mário. Recomendou, então, que ela colocasse os meninos para trabalhar na loja a fim de que eles pudessem ter uma noção da quantidade de dinheiro que entra em seu negócio. Segundo a prima dele, sua atual esposa estaria “torrando” o dinheiro dele. Os meninos chegaram a trabalhar por um ano na loja, circunstância que criou uma tensão ainda maior entre Mario e sua família, já que ele se aproveitou da relação parental para explorá-los. Não pagava salários. De acordo com o que me contou Clara, ele dava aos filhos R$50,00 quando podia. A incerteza em relação ao dinheiro da pensão, junto às estratégias de Mário para se esquivar de sua responsabilidade paterna, criam tamanha tensão que fazem com que Clara se preocupe cotidianamente com formas de gerir a proximidade entre seu ex-marido e sua casa. Não é de seu interesse que Mário saiba, por exemplo, que ela está recebendo o Auxílio Brasil do governo ou que esteja ciente das ajudas financeiras que ela recebe de algum namorado. Essas informações podem tornar ainda mais incerto a chegada do “dinheiro da pensão”. Os raros momentos em que Mário se faz presente na casa de Clara também são marcados por muitas tensões. Um ritual familiar típico que ocorreu quando eu já morava na casa me fez refletir sobre as tensões, desconfianças e suspeições que emergem entre as relações de proximidade e a gestão da casa. Refiro-me ao “bolinho de aniversário” de Maicon, primeiro filho de Clara, que levou Mário e sua atual família até à casa onde moramos.

Na tarde do aniversário de Maicon, Mário informou que havia comprado uma torta e que viria à noite até a casa de Clara para cantar parabéns. Isso instalou uma grande tensão na casa, ao menos para Clara. Será que a esposa dele vem? Será que depois ele vai usar essa torta pra não dar o resto do dinheiro da pensão que ainda não pagou esse mês? Além de achar estranho o fato do pai ter se lembrado do aniversário de Maicon, reclamou durante toda a tarde que Mário só avisa as coisas em cima da hora. Clara não havia se preparado para fazer sala para ele e sua atual esposa. Estava certa de que Mário estava usando a torta como desculpa para “observar”. “Observar” a casa e um pouco da vida familiar. Clara se preocupou em tirar meu computador que passou a ficar na mesa da sala desde que eu me mudei para realizar a pesquisa. O computador poderia ser um indicador de maior entrada de dinheiro na casa e melhora na qualidade de vida. Alguns objetos foram escondidos. A casa foi limpa para dar boa impressão. As latas de energético colecionadas por Maicon foram retiradas do móvel da sala onde fica a televisão, para que Mário não pensasse que “eu tô deixando os meninos beberem”, disse Clara[[12]](#footnote-13). Uma grande expectativa foi criada para a chegada do pai.

Quando da chegada de Mário, sua esposa e seus enteados, Clara passou a fazer sala para as visitas. Nunca a tinha visto daquele jeito, tão compenetrada nas dinâmicas da sala, deixando de lado o que se passava na cozinha com os salgadinhos, tarefa que ficou sob minha responsabilidade. Em minhas idas e vindas entre a cozinha e a sala para preparar e servir os salgadinhos, buscava prestar atenção às conversas. Uma vez, Mário questionou Maicon sobre o relógio que ele lhe havia dado de presente há alguns meses, ou melhor que o tinha ofertado como “agrado” pelo trabalho na loja. Maicon disse que vendera o relógio, pois estava “precisando de dinheiro”. Mário demonstrou-se contrariado. Sua atual mulher perguntou: “por que você não pediu dinheiro pro seu pai ao invés de vender o relógio?”. Maicon não respondeu. Elen, única filha mulher de Clara, riu ao meu lado sussurrando: “até parece”. Após o parabéns, presenciei mais um questionamento de Mário a respeito de como a família utilizava objetos e quantias em dinheiro que ele dava. Perguntou a Maninho, seu filho mais novo, o que ele tinha feito com o dinheiro de dia das crianças que ganhara dele. Maninho apontou para a bicicleta e disse que tinha usado no conserto. Pelo visto Mario também não se agradou. Disse que Maninho deveria ter guardado para juntar e comprar um outro celular, já que o seu estava quebrado. Assim que o pai se retirou junto às outras visitas, Clara se voltou para mim e disse: “não te falei que ele vinha pra observar?”.

\*\*\*

Iniciei a presente seção com observações a respeito do início e da deterioração da relação entre Clara e Mário a fim de historicizar as relações familiares das quais estou tratando. Inspirada em Veena Das (2007), entendo que as tramas do parentesco são forjadas a partir da incorporação no ordinário das pequenas traições, tensões, desconfianças e conflitos que irrompem nas relações. As tensões do parentesco são entendidas aqui “ não como eventos espetaculares, mas como fios que tecem as tramas da vida. Essas [tensões] são levadas ao cotidiano como experiências nunca esquecidas e se expressam nas mais ordinárias das situações” (Pierobon, 2022, p.5). Atentar para as formas pelas quais as tensões familiares se incorporam ao curso da vida ordinária exige uma atenção minuciosa aos pequenos acontecimentos cotidianos, como os narrados acima a partir da análise de um ritual típico das casas brasileiras. Não vejo como narrar as tensões em família sem mencionar os papéis sociais do dinheiro.

Os fluxos monetários entre as casas enredam as tensões que fazem e atualizam a tessitura do parentesco. “Observar”, “reparar”, questionar os usos de objetos e dinheiros, dentre outros pequenos atos e gestos cotidianos, conformam uma estética do parentesco marcada, muitas vezes, por tensões e preocupações que direcionam a atenção dos atores sociais. Se anteriormente argumentei que o dinheiro exerce o papel de mediador da coprodução das casas e do parentesco, dessa vez quero enfatizar como o dinheiro se apresenta como fator das suspeições, tensões e desconfianças que forjam as tramas familiares. Administrar o dinheiro que resulta das relações familiares, como o “dinheiro da pensão”, não consiste em uma atividade isolada. Seus tempos e valores se relacionam diretamente com as dinâmicas que envolvem outros tipos de dinheiro que compõem o chamado dinheiro da casa (Motta, 2022). A seguir, pretendo discorrer sobre as relações entre as temporalidades dos componentes do dinheiro da casa, que resultam de distintas relações sociais, a partir de outro evento cultural que transforma o planejamento e os acontecimentos das casas brasileiras: o Natal.

**Então é Natal**

O mês do Natal é um período em que “o dinheiro vai embora muito rápido”, como me disse Clara. Conciliar os gastos com a ceia, com os presentes, as roupas festivas e as contas cotidianas não é fácil. A proximidade do Natal suscitou na casa de Clara novas tensões que misturam dinheiro e família.

Presenciei Elen insistir algumas vezes para que sua mãe cobrasse seu pai de levar com antecedência as crianças para comprar as roupas de Natal e Ano Novo. Quase todo ano Mário os leva em Santa Cruz para presentear-lhes com peças de roupa por ocasião das festas de fim de ano. O problema é que Elen considera que ele sempre deixa para fazer isso “em cima da hora do Natal”, quando as roupas das lojas já foram, em sua maioria, vendidas e restam apenas “as sobras” de estoque. Apesar dos pedidos da filha, Clara não concordou em pressionar o ex-marido, “porque quem tem que fazer isso são os filhos, senão ele vai pensar que eu que tô querendo isso, ou que eu tô querendo que ele dê logo o dinheiro pra mim”, justificou sua divergência em relação à Elen. Elen não quer pedir que seu pai antecipe as compras, pois já sabe qual será sua resposta. Segundo ela, Mário vai alegar que só terá dinheiro no dia 22 de dezembro (data em que recebe o pagamento do aluguel de uma quitinete). “Mas é mentira, porque ele tem dinheiro”, disse Clara. Elen corroborou a afirmação da mãe nessa ocasião com alguns questionamentos: “e o carro que ele postou no Facebook esses dias? Quando a gente foi passear lá em Parati, ele tava bem vendo um terreno pra comprar lá, ele pensa que eu sou boba ”. Novas desconfianças rondam o pai.

Dias depois, ansiosa pelas roupas novas, Elen decidiu mandar mensagem para Mário perguntando que dia eles poderiam sair às compras. Ele disse a ela que esse ano não teria tempo para levá-los, mas que enviaria o “dinheiro da pensão” no dia 22, o qual eles poderiam usar para esse fim. Durante a convers, Mario perguntou a ela se sua mãe já tinha arrumado algum emprego. Ao final da ligação, quando soube, Clara ficou revoltada. “Eu que não posso ser boba e deixar o Mário saber se um dia eu conseguir pegar um trabalho assalariado. Ele é doido pra que eu arrume logo um emprego, mas eu não posso dar bobeira não”. Segundo ela, seu ex-marido costuma buscar pretextos para não enviar o “dinheiro da pensão”. No mês de dezembro, entretanto, a ausência ou a redução desse dinheiro, algo que costuma ocorrer em outros meses do ano, tem um impacto muito maior nas dinâmicas cotidianas da casa, devido ao aumento dos gastos decorrentes das ceias de Natal e Ano Novo e dos presentes para as crianças. Clara me contou sobre o primeiro ano em que as crianças passaram o Natal com o pai. “Foi aí que ele percebeu que R$500,00 não dá pra comprar roupa e fazer a ceia não. Ele viu na pele que ele gastou mais do que isso naquela vez”.

Se Elen se angustiou no mês de dezembro, por querer ir bem vestida à festa de Natal da família, já que a demora para o envio do dinheiro poderia impossibilitar seu desejo, Clara se incomodou com a “esperteza de Mário nas questões de dinheiro”. As incertezas que permeiam a chegada do “dinheiro da pensão” na casa, tanto as relacionadas ao valor, como as que se referem à sua temporalidade (os atrasos, as mudanças de data, a proximidade de dias festivos etc), afetam a gestão do dinheiro da casa de Clara. O dinheiro da casa é composto por quantias de diferentes origens e distintas temporalidades: “o dinheiro do aluguel” de um quarto da casa, o qual pago à Clara todo primeiro dia do mês; “o dinheiro da pensão”, que atualmente chega no dia 22 de cada mês; “o dinheiro do jovem aprendiz dos meninos”, que é recebido no dia 12[[13]](#footnote-14); “o dinheiro de levar criança”, aquele cuja data varia de acordo com as possibilidades das mães que remuneram Clara para que ela leve seus filhos à escola; “o dinheiro do auxílio”, que chega todo dia 31.

No dia 15 de dezembro, conforme registro feito no diário financeiro, Clara mencionou que estava guardando “o resto do dinheiro do aluguel”, o primeiro do mês a chegar e portanto a acabar, para comprar o gás, que poderia acabar a qualquer momento, de acordo com as previsões dela, inclusive durante a preparação da ceia. A partir desse dia, enquanto aguardava as datas de recebimento do “dinheiro do auxílio” e do “dinheiro da pensão”, Clara gastou algumas vezes no supermercado “o dinheiro do jovem aprendiz de Maicon”, já que Júlio (segundo filho mais velho) havia gasto todo seu pagamento com as dívidas relativas ao conserto de seu carro. No dia 22, assim que a pensão caiu na conta, Clara e Elen saíram para comprar as roupas de Natal em Madureira, bairro da cidade onde os preços são mais acessíveis. Foram gastos R$400,00 em roupas e sapatos para toda a família passar o Natal. Clara ficou no aguardo do “dinheiro do auxílio” para planejar e cozinhar a ceia desse ano. Com uma ajuda pontual que seu namorado lhe deu no final do ano, Clara e Elen puderam ir ao salão de beleza. Como previsto, o gás acabou durante os preparativos para a ceia do ano novo. No dia 31 de dezembro, todo o “dinheiro do auxílio” já havia sido gasto com a comida da ceia e outras necessidades da casa, o da pensão, com as roupas e o “do aluguel”, que ainda restava na conta, não foi suficiente para comprar um novo botijão. Júlio foi, então, obrigado a pedir ajuda a um de seus amigos de infância, que emprestou à família R$70,00 para complementar a quantia destinada à compra do gás. Foi organizando a correspondência entre as temporalidades de cada um dos dinheiros que chegam à casa e os ritmos das necessidades e planos para o mês de dezembro, um mês excepcional, que Clara viabilizou as festas de fim de ano em sua casa.

De acordo com Laura Bear (2016), a incerteza altera a experiência temporal das pessoas, já que coloca o futuro como algo imprevisto. A análise da vida cotidiana na casa de Clara traz à tona os três aspectos do tempo, dos quais fala a autora: o tempo como ética, técnica e conhecimento. Ao conhecer as temporalidades dos diferentes dinheiros que circulam nas/entre as casas, Clara agencia o tempo como técnica de gestão doméstica. A gestão do dinheiro da casa, ao mesmo tempo, se baseia em pequenas decisões cotidianas informadas por experiências passadas e imaginações sobre o futuro, num claro engajamento ético com o tempo. Esperar para gastar determinada quantia, adiar planejamentos, ou aguardar a chegada de algum dinheiro são estratégias que permitem que a vida siga seu curso em circunstâncias de incerteza. Como afirma Bear, “we anticipate the future on the basis of both learned experience and ethical representations of the past and future that found our sense of agency” (2016, p.494). O tempo consiste num aspecto central das conexões entre casas, dinheiro e relações de proximidade.

**Considerações finais**

Como o parentesco é vivido? Carsten, em *After Kinship,* apresenta essa questão para os leitores. Ao criticar o paradigma estruturalista de análises antropológicas do parentesco, a autora afirma ser a casa um espaço central para a análise dessas dinâmicas. Inspirada em sua proposta, busquei analisar, a partir do caso de uma configuração de casas específica, como as relações familiares se constroem à medida em que o dinheiro circula entre as casas, criando obrigações entre as pessoas. Os fluxos monetários são constitutivos da relação de coprodução que existe entre casas e parentesco. O dinheiro pode se tornar fator de tensões, aquelas que são sutis e se incorporam ao cotidiano, em um contexto de crescente monetização das relações sociais. Uma estratégia metodológica para apreender as tensões que tecem o parentesco suscitadas pela circulação do dinheiro foi a análise de questões relacionadas a rituais típicos que ocorrem nas casas brasileiras, como o “bolinho de aniversário” e o Natal.

As ajudas e tensões que são possibilitadas pelos intensos fluxos monetários que costuram as casas conformam as dinâmicas cotidianas do parentesco. Interconectados aos processos relacionais narrados, ocorrem processos de individuação marcados, nesse caso, pela experiência de ser mulher. O idioma do gênero atravessa memórias e experiências passadas que informam uma ética ordinária. Ser mãe e chefe de família implica não apenas no árduo trabalho de cuidado com a casa e com os filhos, como também em desconfiar e suspeitar de determinadas pessoas em certos momentos. Além disso, faz parte da gestão de uma casa manejar as temporalidades de dinheiros que resultam de distintas relações sociais, com a família, com o Estado, com os vizinhos. Como afirmam MacCallum e Bustamante (2012), a generificação da pessoa emerge da articulação entre os processos de produção da casa e do parentesco, os quais são, ao mesmo tempo, materiais e simbólicos. É no curso da manutenção da casa e de gestão da proximidade que Clara constitui a si como mulher.

**Referências bibliográficas**

Azevedo, L.; Faullaber, L. SMH 2016: remoções no Rio Olímpico. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

Bear, Laura. 2016. "Time as technique". Annual Review of Anthropology, 45: 487-502.

Bourdieu, P. Argélia 60: estructuras economicas y estructuras temporales. Siglo Venteuno Editores, 2006.

Carsten, Janet. 2004. “Houses of memory and kinship”. After Kinship. Cambridge, Cambridge University Press. pp. 31-56.

Carsten, Janet; Hugh-Jones, Stephen. 1995. “Introduction”. In: Janet Carsten e Stephen Hugh-Jones (Eds.). About the house. Levi-Strauss and beyond. Cambridge, Cambridge University Press. pp. 1-46.

Conceição, W. Minha casa, suas regras, meus projetos: gestão, disciplina e resistências nos condomínios populares do PAC e MCMV no Rio de Janeiro. 2016. 280f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Cortado, Thomas. 2020, “Casas feitas de olhares: uma etnografia dos muros em um loteamento periférico do Rio de Janeiro”. Etnográfica, 24(3):665-682.

Das, V. Life and Words: violence and the descent into the ordinary. Berkeley/Los Angeles: University California Press, 2007.

Douglas, Mary. 1991. “The idea of a home: a kind of space”. Social research, 58 (1):287-307.

Federici, Silvia. 2010. Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación primitiva. Buenos Aires: Tinta Limón.

\_\_\_\_.2018. El patriarcado del salario. Buenos Aires: Tinta Limón.

Godói, E.; Pina-Cabral, J. 2014. Apresentação, vicinalidades e casas partíveis. Revista de Antropologia. Vol. 57, n.2, p.11-21.

Hornes, Martín (2020). Las trampas del dinero estatal. Saberes, prácticas y significados del dinero en las políticas sociales argentinas. Buenos Aires: Teseo.

Ipea. 2020. Os efeitos da pandemia sobre os rendimentos do trabalho e o impacto do auxílio emergencial: o que dizem os microdados da PNAD Covid-19. Carta de conjuntura, n.48, 3 trimestre.

James, D. “Deeper into a hole?: borrowing and lending in South Africa. Current Anthropology, vol.55, 9, 2014.

Lomnitz, Larissa. 1993. Como sobreviven los marginados?. Siglo XXI-Editores.

MacCallum & Bustamante. 2012, "Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia". Etnográfica 16(2):221-246.

Marcelin, L. 1999. A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano. Mana. Vol.5, n.2, pp. 31-60.

Mies, Maria. 2019. Patriarcado y acumulación a escala mundial. Madrid: Traficantes de Sueños.

Motta, E. 2014. House and economy in the favela. Vibrant. vol.11, n.1.

\_\_\_\_\_. O que faz o dinheiro da casa. In: NEIBURG, Federico e ONTO, Gustavo. Antropologia da economia, 2021, no prelo.

Neiburg, F. 2019. “Dinheiro”. Em: Neiburg, F. (org). Conversas etnográficas haitianas. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.

Petti, D. 2020. Da resistência ao poder: governos da vida, sofrimento social e a violência da remoção. *Dilemas- Revista de Estudos Sobre Condlito e Controle Social*, 13(2), p.533-550.

\_\_\_\_. “Perdi minha casa, aqui eu tenho outra vida”: uma etnografia sobre espaços, sujeitos e economias em um condomínio popular do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia-UFRJ.

Pierobon, C. Traições em família: as texturas do parentesco. Dossiê Veena Das. Sociologia e Antropologia, vol. 11, n.03, 2022.

Wilkis, Ariel. Sociología moral del dinero en el mundo popular. Estudios sociológicos, XXXIII, 99, 2015.

\_\_\_\_\_\_.The moral power of money: morality and economy in the life of the poor. Califórnia: Satanford Univeraity Press, 2018.

Zelizer, V. 2011. A negociação da intimidade. Editora Vozes.

\_\_\_\_. 2009. Dualidades perigosas. *Mana*, 15(1), p.237-256.

\_\_\_\_\_. 1994. The social meaning of money. New York: Basic Boks.

1. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/Museu Nacional) da UFRJ no Brasil. E doutoranda em sociologia pela Escuela Interdisciplinaria de Altos Estudios Sociales (IDAES) da UNSAM na Argentina. [↑](#footnote-ref-2)
2. Os condomínios populares, ou conjuntos habitacionais, construídos no Brasil entre os anos de 2009 e 2016, constituíram um processo de verticalização da moradia popular. Essa política urbana se associou à política de remoção de favelas, deslocando milhares de famílias de diferentes comunidades, por meio do reassentamento em condomínios. O condomínio estudado se localiza na Zona Oeste, uma região de periferia urbana, marcada por altos índices de pobreza e desigualdades, assim como pela forte presença de grupos armados. Sobre os condomínios populares construídos nesse período, ver Cobceição, 2016. Sobre os deslocamentos forçados e as remoções de favelas, ver Petti, 2020a, Petti, 2020b e Azevedo e Faullaber, 2015. [↑](#footnote-ref-3)
3. Sobre as remoções de favelas e a experiência do reassentamento em condomínio popular, ver Petti, 2020. [↑](#footnote-ref-4)
4. Ariel Wilkis aciona a imagem do quebra-cabeça para construir seu principal argumento no livro *O poder moral do dinheiro* (2018). Segundo ele, as peças de dinheiro (“*pieces of money”*) são forjadas por ideias e crenças sobre a moralidade, enquanto cada uma dessas peças se distingue uma das outras. O quebra-cabeça dos diferentes tipos de dinheiro é formado na vida cotidiana de acordo com a capacidade de cada peça de valorar, comparar e medir as virtudes das pessoas (Wilkis, 2018, p.4). O “dinheiro da pensão” é apenas uma das peças do quebra-cabeça dos fluxos monetários que faz circular concepções morais. [↑](#footnote-ref-5)
5. O conceito de configuração de casas surgiu no quadro da antropologia brasileira, a fim de enfatizar as relacionalidades entre casas e famílias. No Brasil, as casas não existem de forma isolada, mas se mantêm em configuração. Essa característica condiciona as concepções locais sobre casa e família. Nesse texto, discorro sobre o universo relacional da casa de Clara. [↑](#footnote-ref-6)
6. O auxílio emergencial pago pelo governo federal durante a pandemia de Covid-19 tinha como valor padrão R$600,00 mensais. As famílias monoparentais chefiadas por mulheres, entretanto, receberam o dobro dessa quantia, somando R$1200,00 mensais. Essa quantia chegou a superar a renda média de muitas famílias brasileiras, de acordo com pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020). [↑](#footnote-ref-7)
7. A teoria dos mundos hostis, contra a qual fala Zelizer (2009), parte da dicotomia entre intimidade e transações econômicas (e seus afins), defendendo que o contato entre essas esferas produz uma contaminação moral. Dessa forma, os raciocínios e práticas da racionalidade instrumental, atribuída ao mundo do dinheiro, “corromperiam” ou “ressecariam” o mundo sentimental. A etnografia demonstra que essas esferas não estão separadas na vida cotidiana. O dinheiro não corrompe ou intoxica o parentesco. Ao contrário, seus sentidos sociais produzem as relações de proximidade, assim como são condicionados por elas. [↑](#footnote-ref-8)
8. Gíria referente à uma mulher de meia idade. [↑](#footnote-ref-9)
9. Gíria referente ao ato de sustentar alguém. [↑](#footnote-ref-10)
10. Gíria referente a pessoas bastante jovens. [↑](#footnote-ref-11)
11. Expressão que se refere ao ato de humilhar por meio da rememoração de uma ajuda financeira. [↑](#footnote-ref-12)
12. As relações simbólicas entre o espaço doméstico e as mulheres se expressam nas avaliações morais feitas sobre as pessoas publicamente. “Ser uma boa mãe” no condomínio pode se relacionar com a arrumação da casa, a organização dos horários das refeições, dentre outras questões que se referem à organização de uma casa. [↑](#footnote-ref-13)
13. Maicon e Júlio os dois filhos mais velhos de Clara, trabalham em uma empresa de construção civil na modalidade de jovem aprendiz (programa do governo federal que estimula as empresas a contratarem jovens). [↑](#footnote-ref-14)